Cruzamento vocabular em português

1. Introdução

Existem em português, como em muitas outras línguas, vários processos de criação lexical em que estão envolvidos padrões não lineares de formação, que geram produtos através de mecanismos de natureza fonológica/prosódica ou gráfica. Nos produtos gerados através dessas operações, não são identificáveis constituintes morfológicos encadeados linearmente, pois raramente as bases mantêm o seu material segmental. Um desses processos é o cruzamento vocabular.

O cruzamento vocabular (CV) pode ser definido como a junção de duas palavras existentes para formar uma palavra nova, com supressão de material segmental de pelo menos uma delas (*diciopédia*, *portunhol*) ou, noutros casos, sobreposição de segmentos (*analfabruto*, *burrocrata*).

Apesar de ser considerado por alguns autores um processo improdutivo, o cruzamento vocabular está disponível em português, partilhando algumas propriedades com outras línguas em que o seu uso como mecanismo de criação lexical é também restrito e revela algumas regularidades que não é possível ignorar, não sendo, por isso, imprevisível e aleatório.

De uso mais frequente no português do Brasil do que no português europeu, é um processo intencional e limitado a certos contextos de utilização.

2. Padrões de cruzamento vocabular

Como já referido, o CV pode resultar da junção de duas bases com supressão de material segmental de uma delas ou com sobreposição de segmentos, como podemos observar nos exemplos de (1) e (2) :

(1) *nim* (não + sim) ; *chafé* (chá + café) ; *fabulástico* (fabuloso + fantástico) ; *abreijos* (abraços + beijos) ; *brasiguaio* (brasileiro + paraguaio) ;
(2) *analfabesta* (analfabeto + besta) ; *eurocrata* (europeu + burocrata) ; *pretoguês* (preto + português) ; *pilantropia* (pilantra + filantropia).

Os exemplos apresentados ilustram os dois padrões distintos de cruzamento vocabular, identificáveis através da consideração de aspetos estruturais : formas em que não existe semelhança fónica entre as bases (1) e formas em que existe semelhança

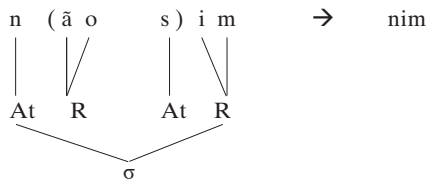
BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)

fónica entre as bases e em que, por isso, se verifica sobreposição (2) (cf. Gonçalves 2005, 2006 e Gonçalves / Almeida 2004).

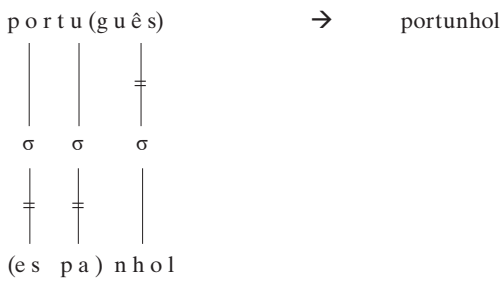
Os diferentes padrões de cruzamento vocabular determinam a forma de intersecção das bases, ou seja, definem o local da segmentação em cada uma delas e o ponto de fusão entre as duas.

2.1. Bases sem semelhança fónica

Quando as bases são monossilábicas (são muito poucos os exemplos atestados), a segmentação faz-se entre o ataque e a rima da sílaba constitutiva de cada base, circunscrevendo-se o ataque da primeira base e a rima da segunda, como se pode observar na representação:

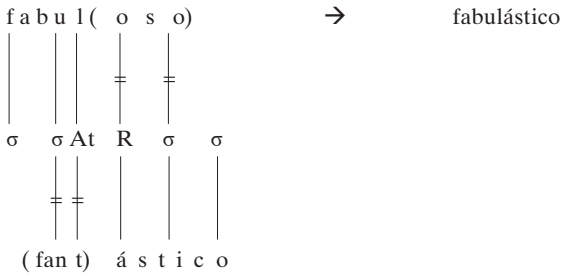


Quando as bases são polissilábicas, faz-se a segmentação na sílaba tónica, selecionando-se o material segmental pretónico de uma base e a sequência de sílaba tónica e material segmental postónico da outra, como ocorre no exemplo que a seguir se representa:



Há alguns itens resultantes de CV, cujas bases não apresentam semelhança fónica, em que a segmentação é feita no interior da sílaba tónica da base da esquerda, circunscrevendo-se as sílabas pretónicas e o ataque da sílaba tónica da primeira base, selecionando-se e agregando a rima da sílaba tónica e as sílabas postónicas da segunda base, como podemos observar na seguinte representação:

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)



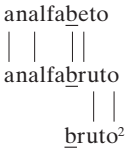
A seleção da ordem em que ocorre cada uma das bases no interior da forma complexa é definida pela possibilidade de recuperar a sua identidade. Na verdade, certas sequências serão inaceitáveis, dada a sua opacidade. Um item como *espaguês*, por exemplo, não é um bom produto de CV, uma vez que é ininterpretável, falhando, assim, o seu objetivo comunicativo e expressivo.

2.2. Bases com semelhança fónica

Os padrões em que existe semelhança fónica entre as bases são de uso muito mais frequente. Nestes casos, tanto a seleção do ponto de segmentação como a da ordem de ocorrência das bases são determinadas pelo material segmental comum, ou seja, a interseção dá-se no ponto em que se inicia esse material segmental comum, sendo a ordem das bases facilmente determinável, o que se pode observar nos exemplos:

(3) *analfabruto*, *tristemunho*, *meretríssimo*
(4) *pilantropia*, *pretoguês*, *exagelado*

Quando, como ocorre nos itens de (3), a sequência segmental comum às duas bases (no ponto de interseção) é reduzida (pode consistir apenas numa sílaba – *tris-te̲munho* – ou num segmento – *analfa̲bruto*), é comum haver mais segmentos comuns noutra localização ou alguma semelhança fónica da sequência que não é comum[1].



Nos exemplos de (4) ocorre o inverso: o material segmental comum às duas bases é muito maior, e é a diferença que é mínima, apenas uma sílaba (*pre̲toguês*) ou um

[1] Em *analfabruto*, há um segmento comum no ponto de interseção das duas bases, mas há coincidência segmental também na sílaba final, pelo que apenas uma sílaba da base mais longa é estranha. Já em *meretríssimo*, podemos observar uma semelhança fónica entre o material segmental rejeitado da base *meritíssimo* (meri) e o material selecionado da base *meretriz*, apesar de só uma sílaba ser comum às duas bases no ponto de interseção.

[2] A correspondência, nesta representação, é feita tendo em conta as sílabas das duas bases.

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)

constituinte silábico (*pilantropia*, *exagelado*). Na maioria dos casos, estes produtos enquadram-se naquilo que Margarida Basílio designa por fusão vocabular expressiva (fuve), definida como «uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base» (Basílio 2010, 202), ou seja, de acordo com esta autora, podemos observar um paralelismo entre a estrutura fonológica e a estrutura semântica.

```
p i l a n t r (a)
| | | | | | |
p i l a n t r o p i a
  | | | | | | | | |
(f) i l a n t r o p i a[3]
```

Nos produtos em que uma das bases é significativamente menor do que a outra, verifica-se uma tendência para preservar integralmente a base menor, seja qual for a sua localização no interior da forma complexa. A maior transparência da constituição interna do produto[4] e a consequente interpretação semântica parecem determinar essa tendência, como se pode observar nos exemplos em (5):

(5) *bicitáxi*, *boilarina*, *carnatal*, *futelama*, *pretoguês*, *prostiputa*.

3. Aspetos morfossintáticos e semânticos

3.1. Características morfossintáticas

Os produtos de cruzamento vocabular atestados são, maioritariamente, nomes e adjetivos, sendo também, geralmente, produtos isocategoriais, como se verifica nos exemplos apresentados em (1)-(5). Trata-se apenas de uma tendência, não havendo restrições no que respeita às categorias dos produtos, nem no que concerne às combinações categoriais de bases. Apenas se verifica que uma das bases tem de pertencer à mesma categoria da forma complexa.

Com efeito, encontramos em obras literárias, combinatórias muito criativas e inesperadas, havendo autores que se notabilizam exactamente pela sua criatividade lexical. São exemplo disso Guimarães Rosa (6) e Mia Couto (7), conhecidos por explorarem a plasticidade da língua ao nível da criação vocabular.

(6) *ferrabruto* ($[[\text{ferrabrás}]_N + [\text{bruto}]_A]_A$); *esquivançando* ($[[\text{esquivando}]_V + [\text{avançando}]_V]_V$); *estapaflorir* ($[[\text{estapafúrdio}]_A + [\text{florir}]_V]_V$)

(7) *agradádiva* ($[[\text{agradável}]_A + [\text{dádiva}]_N]_A$); *escaravelhota* ($[[\text{escaravelho}]_N + [\text{velhota}]_A]_A$); *maisculino* ($[[\text{mais}]_{Adv} + [\text{masculino}]_A]_A$); *vislembrar* ($[[\text{vislumbrar}]_V + [\text{lembrar}]_V]_V$)

[3] A correspondência, nesta representação, é feita tendo em conta os grafemas das duas formas da base, para simplificação.

[4] Sendo a base menor mono ou bissilábica, o truncamento de parte do seu material segmental tornaria a identificação da unidade muito difícil ou mesmo impossível.

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)

Em (6) e (7), encontramos: (a) produtos verbais constituídos por bases também verbais (*esquivançando*, *vislembrar*); (b) produtos verbais cujas bases pertencem a categorias diferentes, embora uma delas tenha, obrigatoriamente, de ser verbal (*estapaflorir*); (3) produtos nominais e adjetivais constituídos por bases heterocategoriais, mas em que uma das bases pertence à mesma categoria do produto (*agradádiva*, *ferrabruto*).

A definição de classes de produtos de cruzamento vocabular com base em relações gramaticais entre os seus constituintes não é fácil de estabelecer com clareza. No entanto, encontram-se com frequência: (a) relações de coordenação; (b) relações atributivas.

Quando os itens têm um caráter descritivo, podem identificar-se relações de coordenação, ocorrendo geralmente (mas não exclusivamente) em formas em que não existe semelhança fónica entre as bases:

(8) *abreijos*, *cantautor*, *diciopédia*, *fabulástico*, *nim*, *portunhol*;
(9) *diligentil*, *ensimesmudo*[5];
(10) *abismaravilhado*, *cristalinda*, *curvilinda*, *desamimado*, *participassiva*

Há produtos em que a relação atributiva parece clara:

(11) *agradádiva* (dádiva agradável), *pirilimpo* (pirilampo limpo) [6]

Há ainda certas formas cruzadas em que há sobreposição das duas bases, como *boilarina*, *lixeratura*, *namorido* ou *escaravelhota*, em que se pode identificar uma relação atributiva, semelhante à que ocorre em compostos morfossintáticos de estrutura N + N, como *homem-rã*. Há, porém, uma diferença fundamental entre as formas cruzadas e estes compostos morfossintáticos por adjunção: o facto de a localização do núcleo e do modificador poder variar. Enquanto nos compostos com esta estrutura o núcleo está obrigatoriamente à esquerda, em *boilarina* e *lixeratura*, o modificador encontra-se à esquerda e o núcleo à direita; em *namorido* (namorado que tem comportamento de marido) e *escaravelhota*, a estrutura inverte-se. Não há, portanto, uma estrutura fixa.

Em grande parte dos casos em que há sobreposição das duas bases, nomeadamente naqueles em que a dissemelhança fónica é mínima, embora as estruturas se possam classificar como atributivas, a definição da relação gramatical entre as bases não é tão clara (como se verifica nos seguintes exemplos de Mia Couto: *Sulplício*, *marmurar*, *telesféricos*, *reiclinado* [7]).

3.2. Características semânticas e de uso

Alguns autores defendem que o cruzamento vocabular é um tipo de composição, invocando, entre outras, razões de natureza semântica: tal como a composição, o cruzamento vocabular gera formas compósitas com uma significação única resultante

[5] Exemplos retirados de obras de Guimarães Rosa.
[6] Exemplos (10) e (11) retirados de obras de Mia Couto.
[7] Esta afirmação tem em conta o uso destes termos no seu contexto de origem.

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)

da combinação da significação das bases. No entanto, também no nível semântico há diferenças consideráveis entre os dois processos.

A criação lexical por cruzamento é sempre intencional, os produtos «não são formações inocentes» (Basílio 2010, 204)[8]. Um dos elementos caracterizadores deste processo de formação é a sua função expressiva. Por isso o uso de itens lexicais deste tipo restringe-se a certos registos discursivos informais ou semi-informais, orais ou escritos, no âmbito jornalístico, literário, publicitário/propagandístico, político e humorístico.

O efeito humorístico é muito frequentemente o objetivo deste tipo de formas. Este efeito depende, em larga medida, da seleção das bases. Deve realçar-se, no entanto, que a natureza do próprio processo maximiza o impacto da combinação dos elementos selecionados. Nos produtos de cruzamento vocabular, o falante cria uma expectativa, que é quebrada num determinado ponto da cadeia fónica, causando estranheza[9]. Os exemplos mais conseguidos, aqueles em que o processo é optimizado, são as formas em que há sobreposição das bases, com dissemelhança fonológica mínima: uma sílaba ou um constituinte silábico preferencialmente preenchido apenas por um segmento. Nestes itens, em que pode identificar-se uma base no interior da outra, através da alteração de um simples constituinte (segmento fonológico, constituinte silábico complexo ou sílaba), segundo Basílio, «o qualificador está totalmente integrado no corpo da palavra (…), tem apenas um mínimo de explicitude, o qual, no entanto, é plenamente suficiente para o reconhecimento inequívoco» (Basílio 2010, 203)[10]. Para interpretar a forma cruzada, o falante tem de recuperar as duas bases na sua forma integral e criar um novo sentido para a forma complexa.

As finalidades da criação vocabular através deste processo podem ser muito variadas: denominação de novas realidades, quer sejam entidades (trata-se de um processo muito comum na criação de marcas de produtos comerciais, como *mentoliptus*, *dicio-pédia*), quer sejam conceitos (*franglês*); quer a expressão de uma avaliação (*agradá-diva*). Qualquer que seja a finalidade da sua criação, porém, há uma especificidade nestas formas: são criações de um sujeito falante que manifesta através delas um ponto de vista, renovando uma dada realidade (cf. Gonçalves e Almeida 2004, 148).

Na maioria das formas cruzadas, constrói-se uma estrutura semântica de qualificação, não raras vezes de caráter pejorativo. Nas formas em que a diferença fonológica é mínima (os produtos bem sucedidos, segundo Basílio 2005, 2010), o qualificador é a forma estranha que se incorpora disfarçadamente na base hospedeira, o elemento qualificado. Assim, em *pirilimpo*, o constituinte hospedeiro é *pirilampo*, sendo *limpo* o qualificador; em *lixeratura*, *literatura* é a base hospedeira, a que se incorpora *lixo*.

---

[8] Apesar de esta afirmação referir a "fusão vocabular expressiva", definida pela autora como um tipo particular de cruzamento vocabular, ela pode aplicar-se a todos os produtos deste processo.

[9] Considerem-se os exemplos, de Mia Couto: *ronros<u>n</u>ar*, *piril<u>i</u>mpo*, *participa<u>ss</u>iva*.

[10] Sendo as afirmações relativas ao exemplo *burrocrata*, pode estender-se à maioria dos exemplos deste padrão de CV apresentados.

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)

A interpretação dos produtos de cruzamento vocabular não resulta exclusivamente de propriedades estruturais, da combinação das significações dos elementos da base. Frequentemente, sobretudo no discurso jornalístico, publicitário, propagandístico e político, está dependente de informação contextual, seja de natureza política, cultural, geográfica ou histórica. Observemos os exemplos:

(12) *Billary* (Bill + Hillary) ; *Cavaquistão* (Cavaco + Cazaquistão) ; *Chattoso* (chato + Mattoso) ; *ladruf* (ladrão + Maluf) ; *Merkozy* (Merkel + Sarkozy)

Estes itens são opacos para muitos falantes do português e alguns deles, ainda em voga no presente, sê-lo-ão inevitavelmente num futuro não muito longínquo, pois fazem referência específica a personagens de um momento histórico-político preciso[11]. A efemeridade é uma característica deste tipo de produtos. Difundidos e partilhados numa comunidade numa dada época, têm o tempo de vida da realidade que referem e a sua significação está totalmente dependente de informação contextual.

Algo diferente é a sorte dos cruzamentos criados no contexto de uma obra literária. Têm, geralmente, uma utilização única, mas, nesse caso, a sua significação deve ser independente do contexto, para que possam ser interpretados adequadamente por qualquer falante-leitor, em qualquer espaço geográfico, em qualquer momento histórico.

4. Cruzamento vocabular vs. composição

Embora alguns autores considerem que, sendo o resultado da junção de duas bases lexicais, o cruzamento vocabular é um tipo de composição em português (cf. Sandmann 1990, Araújo 2000, Basílio 2005), há diferenças significativas entre os dois processos de criação lexical, sobretudo se considerarmos aspetos de natureza formal.

Em primeiro lugar, a composição permite a junção de mais do que duas bases (dependendo do tipo de processo), enquanto os produtos de cruzamento vocabular atestados resultam da junção de apenas duas bases.

Além disso, nos compostos, as bases são preenchidas por constituintes morfológicos (radicais ou palavras); no cruzamento vocabular, não sendo o conteúdo segmental das bases integralmente preservado[12], não se identificam constituintes morfológicos.

Por outro lado, a composição preserva a sequencialidade linear dos constituintes, enquanto no cruzamento vocabular há rutura dessa sequencialidade linear, uma vez que há sobreposição de material segmental.

Deve ainda realçar-se que nos compostos morfossintáticos se preserva a estrutura prosódica de cada uma das bases, constituindo o produto um sintagma fonológico; no

[11] Em Gonçalves / Assunção (2009) analisa-se um conjunto de produtos de CV que envolvem o nome do presidente Lula da Silva, que são ininterpretáveis para quem não conhece a realidade política brasileira de um dado período histórico recente.

[12] A perda de material segmental nestes produtos não pode ser atribuída a processos fonológicos, como a crase ou a haplologia.

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)

produto do cruzamento vocabular perde-se a estrutura prosódica dos seus elementos componentes, o item constitui uma única palavra fonológica.

Por último, na composição atuam princípios morfológicos ou morfossintáticos; pelo contrário, o cruzamento vocabular obedece a determinadas condições prosódicas, sendo, por isso, um processo que se situa na interseção da morfologia com a fonologia/prosódia.

Em síntese, as propriedades elencadas, distintivas dos dois processos, permitem-nos identificar um – composição – como processo concatenativo, enquanto o outro – cruzamento vocabular – se insere na morfologia não concatenativa.

5. Considerações finais

O cruzamento vocabular, muitas vezes considerado um processo marginal de criação lexical, apresenta, em português, características, partilhadas com várias outras línguas, que permitem inseri-lo na morfologia não concatenativa: consiste na junção de itens lexicais que não preservam a totalidade do seu conteúdo segmental, nem a sua estrutura prosódica, nem a sua sequencialidade linear, constituindo-se como bases em que não se reconhecem constituintes morfológicos.

No entanto, é um processo utilizado com razoável frequência em certos contextos discursivos e que manifesta regularidades assinaláveis, obedecendo a determinados padrões estruturais que clarificam a sua interpretação semântica. Não se trata, portanto, de um processo arbitrário de criação lexical, cujos produtos são imprevisíveis.

Universidade de Coimbra / CELGA Isabel PEREIRA

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)

Referências bibliográficas

Araújo, Gabriel A., 2000. «Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux», *Cadernos de Estudos Linguísticos* 39, 5-21.

Basílio, Margarida, 2005. «Cruzamentos vocabulares como construções morfológicas», in: *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, Brasília, ABRALIN, 387-390.

Basílio, Margarida, 2010. «Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais», in: Brito, Ana M. / Silva, Fátima / Veloso, João / Fiéis, Alexandra (ed.), *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, 201-210.

Gonçalves, Carlos A. / Almeida, M. Lúcia L., 2004. «Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspetos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos», *Revista Portuguesa de Humanidades,* volume 8, 135-154.

Gonçalves, Carlos A., 2005. «Blends lexicais em português: não concatenatividade e correspondência», *Veredas 7*, 1 e 2, 149-167.

Gonçalves, Carlos A., 2006. «Uso morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português», *Gragoatá* 21, 219-242.

Gonçalves, Carlos A. / Assunção, Fábio P., 2009. «A humorfologia dos cruzamentos vocabulares no português : análise da coluna Agamenon, de o Globo», *Veredas* 13, 57-71.

Sandmann, Antônio José, 1990. *Morfologia Lexical*, São Paulo, Contexto.

BDD-V2182 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 13:01:55 UTC)